



Pâmela Alves Cardoso

# diário da floresta

Trabalho de conclusão de curso para obtenção do grau de bacharelado em Teoria, Crítica e História da Arte do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília - IdA/UnB, sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup> Karina Dias.



| Brasília | 2022 |

( trabalho realizado entre Brasília e Polônia )

Dedico à toda a floresta que sustenta o céu sobre nós<sup>1</sup>.

<sup>1</sup>“Se destruírem a floresta, o céu vai quebrar de novo e vai cair na terra!” KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu, 2015. p.683. Edição *Kindle*.

Agradeço à artista e professora Karina Dias pela preciosa orientação, pois, como sol-guia direcionou a envergadura das minhas hastes<sup>2</sup> verdes, sou grata pelo nosso encontro no mundo. Ao meu marido Renato, por ser a outra árvore que embarcou nessa aventura junto. À minha mãe Elizabete e Arias, pela instalação do vídeo [335 passos] que está na exposição ‘Fragmentos Ordinários’ na Galeria Espaço Piloto. À minha psicóloga Luana, por cuidar da vitalidade das minhas seivas com excelência. Aos meus amigos amados, por acompanharem de perto, (mesmo longe), o crescimento lenhoso do cerne que habito: Jebson, Mayumi, Daniel, Anne e Fabian. Às queridas amigas artistas Giovanna e Beatriz pela rede de amor incondicional recíproco, entre nós e pela arte. Aos colegas fotógrafos, artistas e cineastas: Jackson, Luna e Xavier por me ensinarem o que eu sei hoje sobre edição de vídeo e produção audiovisual. Ao meu amigo João por estudar comigo à distância. Ao meu falecido pai Josemar, que me ensinou escrever e ler estrelas. E finalmente, sou imensamente grata à “Pam do passado” por pisar os passos necessários para chegar até aqui estourando as sementes.

<sup>2</sup> “ 13.

lição de árvores

continuar

envergando a haste

em direção ao sol ”

ESTAREGUI, Ana. **Dança Para Cavalos**. São Paulo: Editora Fósforo. 2022. p.19. Edição do *Kindle*.

•

“Concluíram sua fala – ali estavam. Ali estavam e olhavam a floresta.”

*Sin-leqi-unninni*

•



## diário da floresta

<b>[ 335 passos ]</b>	<b>11</b>
nota sobre florestas: uma breve introdução	12
sementes tortas à bordo	16
terra dos outros	17
a - r ( jornadas aéreas )	20
graveto seco	21
a floresta no deserto	21
graveto adubo	25
a floresta na noite	25
notas introdutórias sobre o diário	28
dia 1	30
dia 2	35
dia 3	37
dia 4	45
dia 5	52
frame arbóreo I	57
serrapilheira	57
frame arbóreo II	58
dossel	58
graveto subaquático	59
a floresta submersa	59
<i>pinecone</i>	60
pinheiro	61
na floresta de Caspar	62
pomar	63
a macieira	64





## lista de figuras

---

- Figura 0. Capa. Pâmela Alves, *Yggdrasill*, desenho digital, 2022.
- Figura 1. Capa. Pâmela Alves, **Primeiro contato**, fotografia, 2022.
- Figura 2. página 11. Pâmela Alves, [ **335 passos** ] - vídeo-arte, 2022.
- Figura 3. página 14. Salomé Jashi, *Taming the Garden*, 2021.
- Figura 4. página 15. Tiago Rocha Pitta, **Herança**, 2007.
- Figura 5. página 19. Giuseppe Penone, *Project for the stone garden*, 1968.
- Figura 6 e 7. página 23 e 24. Pâmela Alves, **Rota**, 2022.
- Figura 8. página 27. Georges Seurat, *Poplars*, 1883–1884.
- Figura 9. página 29. Invisible Flock & Subzero, *Out from the Flood*, 2020-2021.
- Figura 10. página 57. Pâmela Alves, **frame arbóreo I : serrapilheira**, 2022.
- Figura 11. página 58. Pâmela Alves, **frame arbóreo II: dossel**, 2022.
- Figura 12. página 64. Pâmela Alves, **sem título**, fotografia, 2022.

▪

 [ 335 passos ]<sup>3</sup>

▪

<sup>3</sup> Link Clicável. Sugestão: ler o texto enquanto assiste ao vídeo.

## nota sobre florestas: uma breve introdução

As definições utilizadas neste trabalho referentes às árvores e florestas partem da compreensão inicial de que ‘floresta’ é uma ‘área que está coberta por árvore’, e ‘árvore’ é uma ‘planta autossustentável de caule lenhoso’.<sup>4</sup>

A partir das palavras introdutórias de Stefano Mancuso no livro “A incrível viagem das plantas” é possível atualizar a nossa percepção sobre a árvore de maneira que se entenda que é um ente com aguda sensibilidade, se comunica e é sociável. Apesar de não percebermos alguns de seus movimentos com os olhos<sup>5</sup>, é certo que a árvore não sai do lugar ao longo de uma vida, através de suas sementes conquista outros territórios adaptando-se rapidamente. Portanto, a árvore neste texto está relacionada ao movimento: movem-se, sem no entanto, mudar de lugar.<sup>6</sup>

As plantas na arte costumam habitar o fundo das imagens, sendo uma espécie de base para as figuras em primeiro plano, assim também nas áreas biológicas ficam às margens, como diz Mancuso: “Ninguém as respeita, são pouco estudadas, não sabemos nem remotamente

<sup>4</sup> GHAZOUL, Jaboury. Many Forests. *In: Forests: a very short introduction*. 4th Edition. United Kingdom: Oxford University Press, 2015. p. 20.

<sup>5</sup> “Nós, humanos, temos escalas de tempo diferentes daquelas das plantas. Consequentemente, não vemos as plantas se movendo e presumimos que elas são estúpidas. Mas esta é uma suposição incorreta, causada por nossa natureza animal. Não as vemos mover-se porque operamos em segundos, em vez de semanas e meses”. Jeremy Narby em **Plantas como cérebros**. 2021. p.10.

<sup>6</sup> MANCUSO, Stefano. **A incrível viagem das plantas**. São Paulo: Ubu, 2022. *E-book*.

quantas são, como funcionam, quais suas características. No entanto, sem elas a vida de nós, animais, não seria possível.”<sup>7</sup>

Nesta escrita em percurso, penso junto à perspectiva da árvore, tendo-a como primeira figura. É um gesto de realocação, como resgate poético-representativo da imagem da planta. Ou seja, deslocando-a ao primeiro plano, a imagem poética da árvore passa a ter um papel de força gravitacional que nos convoca a orbitar junto à Terra, despencar com as pinhas em mergulho livre ou começar jornadas aéreas nos balões dos grãos de pólen e sementes diaspóricas aladas.

O graveto e a semente são devires de árvore, uma árvore é devir-floresta e os seus fragmentos traçam imagens nômade.

É junto a essas imagens nômade arbóreas que viajaremos, seguindo rastros que apontam para movimentos selvagens.

<sup>7</sup> Mancuso, Stefano. **A incrível viagem das plantas**. São Paulo: Ubu Editora. 2022, p.7. *E-book*.





## sementes tortas à bordo

Cracóvia, verão de 2022

O clima matinal está especialmente quente, a máxima do dia fez 32°C e o calor serve como alarme logo cedo. Ainda na cama, meu marido e eu temos um lampejo de ir até a floresta torta a 672 km daqui. Não me surpreende o desejo sobrevivente de alguns em querer refúgio em florestas refrescantes, pois, para além dos tempos de crise ecológica, as árvores são tótems preciosos de vida, sustentando a atmosfera e o clima<sup>8</sup>.

Algo sobre essa floresta específica atrai milhares de visitantes e turistas: o mistério dos pinheiros tortos. É bosque e monumento natural, simultaneamente.

‘Floresta’ em polonês se pronuncia ‘las’, e para ‘torta’ é usada a palavra ‘krzywy’ ( lê-se : Q-xi-vê ), demorei quase duas semanas para dizer fluidamente essas pequenas palavras e mais do que isso para me lembrar como se escreve.

Hoje, as ideias são miragens. Nas miragens somos fragmentos arbóreos.

<sup>8</sup> COCCIA, Emanuele. A vida das plantas : uma metafísica da mistura. 2018.



## terra dos outros

*Krzywy Las* ou “Floresta Torta” é um bosque de mais ou menos 100 a 400 pinheiros-escoceses (*pinus sylvestris*) ou pinheiro-de-casquinha que foram misteriosamente entortados, dentro de uma floresta de pinheiros-escoceses comuns. Está localizada na Pomerânia Ocidental Polonesa junto à fronteira com a Alemanha, onde existe uma reserva florestal e onde passa o Rio Oder. Atualmente, *Krzywy Las* está sob a proteção do Governo da Cidade de Gryfino que fica há menos de 5km de distância do bosque ao norte e quase a mesma distância a oeste está o Rio Oder. A nascente desse rio fica na República Tcheca, em Olomouc, onde se chama *Vjodr*, então segue curso a noroeste, corre na margem polaca como Odra e se chama Oder na margem alemã, e enfim sua foz vai ao Mar Báltico pela cidade de Estetino.

As guerras e as motivações político-históricas desse território já alteraram as fronteiras desse lugar diversas vezes. Durante o império Austro-Húngaro a Alemanha

ficou com essa parte noroeste da Polônia e depois da Segunda Guerra recuou até a margem Ocidental do rio Oder, e essa parte do território retornava a ser polaca. O território polonês já teve diversos formatos e fronteiras, 123 anos antes do fim da I Guerra a Polônia deixou de existir porque foi dividida entre Rússia, Prússia e Áustria.

Ao fim da II Guerra, os habitantes desse local em questão foram realocados e alguns moradores orientais poloneses foram convidados a se mudar para o lado ocidental do território. Muitos se perderam de seus entes queridos, muitos morreram durante os conflitos. E isso pode ter contribuído para a permanência dos mistérios acerca dos motivos dos pinheiros serem tortos. Entretanto, esses tortos pinheiros-escoceses existiram ali numa medida maior do tempo e presenciaram todos os acontecimentos, porque ali ainda permanecem. São testemunhas do tempo, monumentos vivos.

Enfim é sugerido que esses pinheiros-escoceses tenham sido plantados em 1934, e em sua fase jovem os pinheiros foram mecanicamente cortados e arqueados apontando para a mesma direção: norte.

Ninguém sabe dizer exatamente quais os motivos da deformação, se intencionais ou naturais, mas a possibilidade mais aceita é a de que a integridade dos troncos dos pinheiros-escoceses foi mecanicamente desencaminhada para a confecção de mobília ou de embarcações, posto que essa madeira era muito utilizada para essa finalidade. A outra possibilidade é de uma mutação genética das sementes.

Me impressiona pensar numa espécie tão reta quanto o pinheiro ser encontrado nesta forma.

Uma floresta padrão de pinheiros cria linhas verticais de luz e sombra. De acordo com Emanuele Coccia em 'A Vida das Plantas: uma metafísica da mistura' as plantas são os seres que mais se envolvem com o meio<sup>9</sup>, ou seja, suas formas são determinadas pelas circunstâncias diversas. Como, por exemplo, o Cerrado, contorcido pelo clima seco, já esses pinheiros-escoceses modificados pelas mãos de alguém, provavelmente mão humana. Alterando o clima, o humano está no clima, pode ser clima.

<sup>9</sup> ...”nenhum outro vivente adere mais do que elas ao mundo circundante (...) participam da totalidade do mundo em tudo que encontram.” - página 12 - A Vida das Plantas: uma metafísica da mistura de Emanuele Coccia

Imaginando os motivos que podem ter deformado esses pinheiros, vejo a imagem dos desenhos de Giuseppe Penone: pedras enormes, que postas em cima dos troncos, dobram as árvores sem quebrá-las e criam curvaturas horizontais.



Giuseppe Penone, *Progetto per il giardino di pietra* (Project for the Stone Garden), 1968

China ink on paper, 11 7/8 x 15 3/4 inches (30 x 40 cm)

© 2019 Artists Rights Society (ARS), New York/ADAGP, Paris. Photo © Archivio Penone

## a - r ( jornadas aéreas )

Para sair de Brasília e chegar até Krzywy Las é preciso atravessar o oceano atlântico em um avião.

Por bem mais que 12 horas de voo foram percorridos 9855.62 km, ou 5321.61 milhas náuticas. Com essa mesma medida de distância é possível atravessar a atmosfera.

Entrando na Europa pela Cracóvia, que fica na região sul da Polônia, próximo à fronteira com a Eslováquia e a República Tcheca, e se dirigindo ao noroeste do país, em direção a cidade de Estetino, a Floresta Torta fica no lado ocidental da atual fronteira Polaca com a Alemanha, a 111 km do Mar Báltico na direção Norte.

É julho, inverno em Brasília que está 5h atrás do horário da Cracóvia, onde é verão.

Viajar pelo espaço é também viajar nas horas e estações.

Da familiar terra vermelha do cerrado ao encontro com territórios estrangeiros<sup>10</sup>, encontro com outros mundos.

<sup>10</sup> BARTON, Carol. *Vision Shifts*. JSTOR, <https://jstor.org/stable/community.28262520> . Accessed 01 Sep. 2022.

## graveto seco

a floresta no deserto

cores: amarelo-esverdeado

Da troposfera, o sol nascente revela no horizonte da cúpula celeste as dunas do Saara. O avião se encontra no final da travessia oceânica, e vislumbra terra firme alinhada ao Marrocos, entre a Mauritânia e a Argélia.

Onde na Terra fica o encontro das implacáveis dunas do Saara com o Oceano Atlântico?<sup>11</sup>

Nessa época do ano as ondas de ventos alísios carregam continentais quantidades de poeira desértica à oeste, e nesse exato momento, a massiva pluma arenosa e eu fazemos travessias oceânicas cruzadas pela atmosfera: o Saara está indo visitar a Floresta Amazônica e eu estou indo a Krzywy Las<sup>12</sup>.

<sup>11</sup> Inspirada na fala de Karina Dias no encontro do curso “Um plano Piloto” no eixo “Calma comigo tempestade, sou teu abrigo”.

Acesso em : <https://www.youtube.com/watch?v=Eavyq8JJ-D4&t=2999s>

<sup>12</sup> “Os ventos recolhem cerca de 100 milhões de toneladas de poeira do deserto do Saara a cada ano, e uma parte considerável dela sopra sobre o Oceano Atlântico Norte. Um novo suprimento de poeira foi transportado por via aérea do Saara no início de junho de 2022, e parte dele parecia estar indo para as Américas.”

Fonte: <https://earthobservatory.nasa.gov/images/149918/a-burst-of-saharan-dust> . Acesso em : 29, ago 2022

O maior deserto do mundo tem um olho, a Estrutura de Richat na Mauritânia e nesse local há vestígios geológicos de já ter sido mar, também ali por perto foram encontradas ossadas de baleias com patas vestigiais que explicam a migração de um dos maiores mamíferos terrestres para água. E ainda, a região do Saara também foi floresta há 5 ou 10 mil anos atrás, onde era úmida e verde.

Em que momento no tempo e no espaço a floresta encontrou o deserto ?

Estar defronte é encontrar. Estar face a face é contato.

Depois de um voo intercontinental, um pedaço de graveto seco e torto do cerrado se deixa aterrissar, encontra as terras baixas e seguindo para o sul em novo voo, é levado por outros ventos. E chega quando faz 32°C na Cracóvia às 16h, quando o dia é 21 de julho.

rota







**ponto de saída pela rua Wrocławska na Cracóvia às 19h49 em 29 de julho - parada em Katowice 21h35 a 21h48 - chegada em *Camping Fortress* na Breslávia chegando pela estrada de Wrocławska às 00h47 no dia 30 de julho de 2022.**

graveto adubo

a floresta na noite

noturna- chuvosa;

direção noroeste;

O atalho pela estrada A4 é cercado por floresta e pequenas casas. As minúsculas cidadelas mal podem ser vistas pois está escuro e chove. O sol se pôs há pouco, no ápice do verão europeu, esse fenômeno ordinário acontece às 21 horas.

Passa uma corsa, parece indecisa quanto a atravessar a rodovia. Em qual km da estrada foi? Perdi.

As placas sinalizam quando começa uma cidade ou área construída e quando elas terminam. Uma placa dessas aparece e não se vê as construções, lá fora há bruma, está chuvoso e vazio... uma situação não tão favorável para estar à caminho de algum lugar.

Os caminhos à noroeste pelo *countryside* : Katowice, Ruda Śląska, da Rota A4 para 901 por Gliwice, em Toszek da 901 para a rota 94 e em Księży Las (Floresta dos Sacerdotes) da rota 426 voltamos a autoestrada A4 novamente em Olszowa, Gogolin, Wojsław, Lubcz, Strzelin. A maioria dessas palavras citadinas são quase impronunciáveis.

Igrejas, monoculturas, vultos. Outra corsa, um gato e talvez, uma coruja: os olhos selvagens se revelam ao encontrar o farol do carro.

As plantas na escuridão embalam a pequena estrada, e então embalam o carro na estrada, e em seguida os dois navegantes no carro e o vidro embaça na bruma. Não é fácil dar conta de tudo o que envolve um deslocamento úmido às escuras.

Numa rua que tem o mesmo nome de onde partimos, porém já muito longe de lá, uma pequena árvore serve como proteção do vento e a grama ao redor de uma poça de lama recebe nossos gravetos de barraca para passar a noite. É madrugada, ainda chove... no relógio marcam 01h47min.

Noto que a noite e a umidade parecem intencionalmente dissolver os corpos matéricos<sup>13</sup>. Como os traços em giz de cera conté dos 'Álamos' de Georges Seurat, a umidade está por toda parte, evidenciando o espaço, o meio, o mundo.

Um graveto afunda na terra molhada e vira adubo.

<sup>13</sup> "As plantas abalam um dos pilares da biologia e das ciências naturais dos últimos séculos: a primazia do meio sobre o vivente, do mundo sobre a vida, do espaço sobre o sujeito." COCCIA, Emanuele. A vida das Plantas : uma metafísica da mistura.



## notas introdutórias sobre o diário

A expressão da realidade não é domesticável, não é óbvia, apesar de disponível à vista.

As distâncias percorridas a pé dependem da relação entre velocidade, ânimo e passo. Essas medidas só podem ser únicas: um ser específico experiencia determinado lugar.

A saber:

Na borda de uma lagoa por volta de 29 minutos eu percorro 3 km. Relativamente, essa mesma caminhada pode durar mais ou menos 2 horas em modo contemplativo;

Em um pouco mais que 11 minutos dou 335 passos margeando Krzywy Las;

A tentativa de contar as árvores é esforço inútil ou hercúleo.

Contar os passos é o gesto que cabe para dar conta da materialidade da paisagem.



**31 de julho, domingo - DIA 01 - Chegada a Krzywy Las  
quente, ensolarado e seco - 15h41**

dia 1

O dia amanhece em abundante luz solar, e na microssuperfície das folhas dos choupos certamente há sopro fotossintético através dos estomas. Por essa mesma abertura sensível, quem sabe, os álamos nos veem remover o acampamento para então partir em direção à floresta torta.

Emolduradas pela janela do carro em movimento surgem imagens selváticas:

Carvalho sobre igreja, Macieiras sobre monocultura, Pereiras sobre casa, Pinheiros sobre autoestrada, Álamos sobre placas, Florestas sobre cidadezinhas, Ciprestes sobre monumentos, Nogueiras sobre cerca e a Velha Azinheira sobre vista.

Vejo as árvores dançarem junto com o vento solar.

O primeiro contato com Krzywy Las se deu pela parte oeste do bosque, entramos junto com os raios de sol da tarde.

Confiro na minha *geonaute*: os pinheiros tortos se dobram especificamente na direção nordeste. O ambiente está estranhamente silencioso, mesmo com uma dúzia de visitantes que chegaram antes de nós.

Decidimos nos sentar num banco ao lado das placas informativas sobre a floresta e a maior parte dessas informações está escrita em polaco, aqui do banco vejo a luz entrar pelas árvores lateralmente da direita para a esquerda.

Das oito placas uma está escrita em inglês e a outra em alemão, leio a placa em inglês que conta um pouco de como os troncos podem ter sido intencionalmente “dobrados” para fazer móveis.

O clima é de desencanto, os visitantes parecem desapontados quando chegam. Os mistérios e os encantos sublimes de uma floresta projetada não se mantêm quando se chega até aqui.

É importante levar comida para uma visita à floresta. Nós nos esquecemos da comida, então o Renato vai buscar comida enquanto me alojo nesse banco de madeira e enraizo os meus cotovelos na mesa em observação atenta.

Sem falar polonês e estar sozinha aqui faz eu me sentir parte da paisagem, como se eu fosse uma dessas árvores que olho agora, vejo todas essas pessoas me circundando...

Estou olhando para o Sul face-a-face com a floresta torta.

Observo que sendo floresta existo à mercê.

O que é ser floresta?

Testemunhar perspectivas, existir e no tempo-espaço alcançar distâncias longínquas.

As onze pessoas que estão aqui parecem desconfortáveis, duras, eu diria. As poses para as fotos e a falta de intimidade com o lugar tem uma duração padronizada de uns dez minutos.

Dois casais entram e saem. Seis idosos chegam, tiram fotos e saem. Sai o grupo de onze em caravana e se abre uma clareira para os próximos visitantes.

Nove famílias em menos de uma hora, entram, tiram fotos e saem.

Dois amigos entram.

Uma delas insiste de várias maneiras e ângulos tirar uma boa foto de si, sua amiga, que está com o celular na mão, parece impaciente, pois, minutos depois espera a amiga na trilha da saída.

Hoje é domingo, a floresta parece ter recebido mais visitas do que é possível acompanhar, no chão arenoso muitas pisadas diferentes estão acumuladas umas sobre as outras.

As pessoas ainda parecem se mover de maneira engessada. A mulher encontra sua amiga que a esperava mais adiante na saída da trilha e as duas saem à Oeste.

Três pessoas chegam e parecem estar experienciando mais a floresta que os outros que se foram, me parece ser uma sogra, genro e nora. Ficaram mais tempo explorando possibilidades de fotografias. Esses três acabaram de sair pela saída ao Norte.

Não achei que ficaria sozinha aqui, e agora estou.

Uma floresta dentro da floresta.

Vejo desenhos circulares em ao redor dos pinheiros tortos, são passos no chão.

Observo o formato dessas árvores: foices, anzóis, letra L, túneis, cadeiras, joelhos, algas gigantes no fundo do mar, joelhos gigantes dobrados?



Algo no solo, algo na terra: reparei que por aqui não tem pedras pesadas por perto, ou mesmo pedras no geral.

Algo no céu, algo no cosmos: os mosquitos e moscas são bem presentes, insistentes.

E agora tem cheiro de fumaça.

Busco o cheiro do rio que vi pelo mapa. Não há som nem cheiro. Chamo seu nome :  
Odra!

Nenhuma resposta.

Um senhor alto entra ao Norte e vem em minha direção falando Polonês, digo a ele em polaco que não sei falar a sua língua e então, ele continua falando algumas palavras e logo depois ele desiste e vai embora falando sozinho pelo mesmo lugar de onde chegou.

Ouçõ um trem passar a Leste.

Um homem passeia com um lulu-da-pomerania idoso que está quase sendo arrastado pela coleira... eles atravessam a floresta lentamente de Oeste ao Leste e somem de vista.

O silêncio chega como visita. E então dois pássaros entram pela clareira, se encontram a uns três metros daqui e pulam de um jeito que eu nunca vi antes, parecem cangurus. O primeiro segue o segundo até sumirem voando entre os pinheiros-de-casquinha ao Norte.

Escuto um pica-pau, que bica o tronco de um pinheiro fino, o pica-pau se faz ver, e logo voa rápido em direção ao Norte e tento persegui-lo com o olhar mas a vista não o alcança.

·

Nesse momento, é uma floresta de pássaros e vento-luz

·

**01 de agosto, segunda-feira - DIA 02 - Acampamento  
chuvas fortes de verão, frio e ventania - 12h04**

**dia 2**

Fico no acampamento por conta do mau tempo. Há poucas horas atravessamos a linha sensível que separa o mês de julho e o mês de agosto.

Hoje penso sobre imagens fronteiriças:

“Entre o pensamento e sua expressão”<sup>14</sup>;

O rio Odra separa as árvores tortas em território polaco e alemão;

A terra e a raiz fazem fronteira, as copas das árvores e o céu terreno são vizinhos.

As placas da autoestrada sinalizam o começo e o fim de uma cidade.

Em estado fronteiriço:

Antes e depois de Krzywy Las.

<sup>14</sup>BARTON, Carol. *Vision Shifts*. 1998. *JSTOR* <<https://jstor.org/stable/community.28262520>>.

Usando o método de Georges Perec nas visitas ao bosque, penso que o tempo presente está sempre a ser alcançado, encontrado. No campo do impronunciável captamos o que está dado na paisagem juntamente com os pontos cegos e encobertos da nossa sensibilidade.

O que eu vejo daqui... Como sou vista pelo que olho...

O conjunto de árvores tortas faz parte da floresta inteira? São duas florestas ou uma só?  
E quanto às florestas no mundo, que língua falam?

Os movimentos da floresta apontam para imagens nômades.

**02 de agosto, terça-feira - DIA 03 - banco de madeira em Krzywy Las  
clima seco, solar, quente; nuvens espalhadas pelo céu - 16h50  
- hoje já não me sinto apenas uma visitante -**

dia 3

Enquanto entramos no bosque a oeste, um homem e uma mulher tiram foto de um garoto na árvore, ele trepa em um tronco torto e corre para alcançar um graveto no chão, balançando-o como um maestro de uma orquestra.

Hoje a paisagem tem uma atmosfera luminosa, pois a chuva de ontem abriu clareiras no bosque.

Um senhor de cabelos brancos e rosto vermelho entra pela parte sudeste apontando para o meio do bosque, ele está apresentando o lugar para duas mulheres e uma criança, que caminham logo atrás dele. Enquanto isso, os três que estavam aqui quando chegamos saem calados.

Dois rapazes se aproximam, são poloneses, entretanto, assim que chegaram deduzi que eram alemães. Após 11 minutos correndo e pulando pela floresta, eles dois saem. E também sai o senhor de cabelos brancos com as duas mulheres e a criança.

Enfileiram-se na trilha.

Começo então a dirigir Renato, que filma os primeiros testes com o drone: giros 360° na floresta; imagens da parte mais alta das árvores, e ainda mais acima para visualizar onde a floresta está localizada. Da perspectiva do alto, percebemos que a parte da floresta de pinheiros tortos está na borda e dentro de outra floresta de pinheiros comuns, as trilhas onde as pessoas passam e pisoteiam fazem uma espécie de movimento circular lá dentro.

Fazemos uma gravação em vídeo na medida da altura da minha cabeça, o drone girando junto a mim, a 1 metro e 65 centímetros do solo, provavelmente.

Os mosquitos nos devoram, mesmo com repelente, através da roupa. Será que as pessoas não ficam muito tempo aqui por causa dos mosquitos?

Enquanto filmamos, chega outra família (talvez um pai e duas filhas) pela entrada ao norte, as filhas aparentam estar entediadas ou apáticas... elas tiram fotos juntas e depois chamam o pai para fazer uma selfie.

Fazem 30°C no meu "geonaute", entretanto, meu notebook marca 25° C.

A família de três chega enfileirada para ler as placas informativas, não mais que a 1 metro de distância.

Após um par de minutos, olho para trás acompanhando eles partirem pelo mesmo caminho que chegaram.

Vejo que atrás de mim se encontram duas lixeiras de madeira com tampas.

Escuto Renato digitar do meu lado direito. Escuto gritos de crianças ao Leste. Na tentativa de escutar esses gritos, meu olhar sobe e encontro as nuvens, estão mais espalhadas no céu, fazendo o azul virar bruma.

Na entrada norte, escuto um grito ininteligível e polonês de uma garotinha e enquanto ela chega cada vez mais perto percebo que usa um boné, sua expressão parece maravilhada, está junto com a família: sua gêmea, que também usa boné, e mais três adultos. Enquanto caminham tiram fotografias uns dos outros, são 17h45.

Com os mosquitos o tempo aqui parece infinito. Renato está matando as muriçocas com a mão, ouço o barulho das palmas tentando alcançá-las, a minha tática, pelo contrário, é evitar me mexer para afugentá-los, parece que funciona.

Vejo a garotinha de boné rosa correr da entrada sudeste em direção a sudoeste, ela chega até um pinheiro-de-casquinha numa velocidade rápida, e atrás dela corre a outra que parece ser sua irmã gêmea. Quando a segunda alcança a primeira, elas param por um momento e logo voltam a correr de um pinheiro ao outro. Acham então, um pinheiro para tirarem as suas *selfies*, a curvatura desse pinheiro específico parece abarcar inteiramente seus pequenos corpos.

As duas garotas e os três adultos saem pelo caminho de onde vieram às 17h55...

As pessoas nas casas ao leste falam algo polaco e escuto daqui, mas não entendo o que dizem.

Encaro uma página branca enquanto a floresta fica vazia de visitantes por três minutos.

.

Uma gralha nos dosséis do bosque soa a leste.

.

.

Uma semente madura de *Asclepias syriaca* paira

e

encontra

a

areia

.



Entram um pai e seu filho pequeno pelo Sul que se sentam num pinheiro torto. São 17h58. O pai bate nas pernas com as mãos para afugentar os mosquitos.

Renato diz que os mosquitos só existem no verão. Já é a segunda vez que venho aqui e agora entendo porque esse banco está sempre vazio.

Aproximam-se pai e filho para ler placas informativas, por alguns segundos, entendendo que não parecem se interessar pelo que ali está escrito. Tentam uma *selfie* juntos tentando enquadrar as árvores ao fundo.

O pai e o filhinho vão embora às 18h03.

Decido caminhar pelo bosque torto. O chão dessa parte da floresta é coberto por uma fina camada de areia, pequenas pinhas e folhas secas dos cumes dos pinheiros. Ao redor daqui, floresta adentro, onde poucas pessoas exploram, existe uma camada espessa de serrapilheira, esse grande acúmulo de composto para que a floresta se alimente (folhas dos pinheiros: as "agulhas", cascas, musgos e fungos e folhas de toda sorte). Atravesso teias de aranhas e volto para o banco, são 18h00 e ao sul uma mulher e sua criança entram tirando fotos, a garotinha deita nas árvores.

A luz esmaecida marca suavemente os troncos, esse sol aqui, no verão, às 18h, parece o início do entardecer às 16h em Brasília.

A mulher e a filha atravessam a pequena Krzywy Las da direção sul à norte e nos cumprimentam dizendo: – *Dzień Dobry!*

Eu esqueço o que dizer e digo sorrindo: – *Hi!*

E o Renato, bom, ele não escutou... As duas sentam no mesmo banco em que estamos, leem as placas informativas, a mãe lê para a filha algumas coisas escritas em polaco e em mais ou menos três minutos elas somem de vista ao norte. 18h12.

Sinto falta da presença dos pássaros que vi no primeiro dia que estive aqui.

Ouçõ um barulho de gatos brigando ao sul.

Me pergunto se mais alguém ficaria aqui tanto tempo, ou até mesmo um dia inteiro.

Peço para Renato filmar a floresta com o drone perto do solo e depois filmamos a terra, e enquanto isso, a gente caminha junto ao drone. Vejo pequenas pinhas, agulhas do pinheiro, areia, terra, folhas secas, um papel, uma colher de madeira quebrada. A cor predominante é verde-sálvia ou bege. Na visão, outras sementes maduras da *Asclepias syriaca* flutuam ao sol, de fora a dentro. A cidade está cheia deles, ouvi dizer que é uma planta invasora aqui.

Vejo letras vermelhas com três exclamações no final e fico curiosa para saber o que significam, Renato diz: – as árvores dessa floresta estão sendo monitoradas, não sente em seus troncos.

Pelo jeito não fui só eu que não entendi o que diz ali.

Talvez, um motivo de algumas árvores tortas estarem quebradas é o fato de que todos os visitantes sobem e sentam nelas, observa Renato: – elas parecem ser mais frágeis que as árvores retas.

Sopro num apito que eu trouxe e faz eco na floresta.

Dentro dos nós dos pinheiros, que são antigos cortes nos troncos, tem grão de areia acumulado nos veios, pequenas vegetações de musgo, asas, cascas de artrópodes...

Chega um casal pela entrada norte, tira foto um do outro, lê as placas e vai embora, sua passagem tem duração de 5 minutos.

O sol está baixando no horizonte e são 19h03min. O clima está ameno.

As crianças continuam brincando aos gritos, Renato suspira ao meu lado enquanto trabalha.

Essa floresta é diferente do que se imagina, aqui tem sinal de internet e muitos visitantes. Não é uma floresta imaculada, longe do alcance, diria até que pode ser uma floresta urbana de cidade pequena, pois fica a 5min de carro da cidade de Gryfino.

São 19h16 e ouço pessoas se aproximando pela entrada norte, parece que são dois homens. Sinto-me confortável de não entender a língua daqui nessas horas, pois são, na verdade, três homens bêbados. As pálpebras, bolsas dos olhos e mãos estão inchadas, mal conseguem se sustentar em pé ou segurar suas garrafas de bebida destilada.

Os mosquitos do crepúsculo nos expulsaram do bosque, então, Renato e eu voltamos para o acampamento às 19h24.

Vejo-me um pouco mais íntima dessa floresta hoje, mais segura ou até mais confortável. Será que eu fui a pessoa que passou mais horas naquele banco? Não duvidaria.

No fim das contas, essa floresta não é tão diferente da praça em Paris que Perec<sup>15</sup> quis esgotar. É um lugar de movimento intenso, de passagem, turístico dentro de seu próprio país.

<sup>15</sup> PEREC, Georges. **Tentativa de esgotamento de um local parisiense**. São Paulo: G. Gili Ltda, 2016. *E-book*

**dia 04 de agosto, quinta-feira - DIA 04 - No chão encostada em uma árvore a oeste, face norte**

**Especialmente calor, 36°C, vento quente - 13h20**

**- maior intimidade com a paisagem -**

dia 4

Ao chegar agora no banco com a mesa vemos alguns avisos em papel: “*Uwaga! Świeżo malowane*”, Renato traduz: – Cuidado! Acabei de pintar.

O banco e a mesa estão agora pintados de marrom-escuro.

Dadas as circunstâncias, procuro acomodar-me em outro lugar, acho um pedaço de grama na sombra e me sento. Renato grita ao longe que na verdade a tinta está seca.

Volto ao banco.

Chegam três pessoas pelo lado norte, caminham por poucos minutos conversando bem baixo, e saem. Quatro pessoas entram pelo lado sul, dentre eles um garotinho e uma garota que sobem nas árvores como se já conhecessem o lugar, parecem à vontade, tiram fotos, brincam e saem por onde entraram.

Entra uma mulher, dois homens e um São-bernardo. Estão com roupas de verão: bermuda, boné, regatas... Caminham de sul a oeste com o cachorro peludo para ler as placas informativas enquanto seguram cervejas nas mãos. Observação: Aqui na Polônia é proibido beber em locais públicos. Me pergunto de onde vieram.

É evidente que o São-bernardo sente calor, pois ventila pela boca com a língua para fora, sem censura.

Escuto risadas do Renato enquanto faz uma reunião de trabalho.

O sol entra violentamente pelas clareiras, estamos tendo dificuldades em nos abrigar dele hoje, a internet está instável e os aparelhos eletrônicos parecem derreter.

Vou até o centro da floresta e me sento ao chão encostada num dos pinheiros.

Vejo sair pela trilha ao norte o cão peludo e os seus companheiros.

Aqui na grama escuto grilos que me avizinham. Observo e consigo vê-los tremer e estridular. Uma corrente de vento quente vem do sul ao norte.

Agora olho na direção oposta que me encontrava nesses dias anteriores, sentar aqui é um gesto de intimidade.

Um casal entra pela trilha ao norte e diretamente vai ler as placas e tirar fotos.

Uma nuvem passa e o sol dá uma leve pausa na intensidade.

O casal atravessa a pequena Krzywy Las, os dois usam óculos na cabeça e papetes nos pés, caminhando com as mãos no bolso lateral.

Atrás deles chegam mais cinco pessoas, e atrás desses cinco, retorna o São-bernardo com os companheiros que jogam suas cervejas na lixeira. Enquanto isso, o casal some pela saída ao sul.

Uma senhorinha tira foto de uma garotinha de trança e boné, elas estavam no grupo de cinco pessoas que acabou de entrar. Eles falam em polonês coisas que eu não entendo, reconheço apenas *dobry, tak, jestem*.

Um moço jovem ajuda a senhora a tirar as fotos da garotinha, ele usa um chapéu de palha com uma faixa preta, o garoto bebe um resto de sidra que parece estar quente no fundo da garrafa de vidro.

Os três senhores acompanhados do cão sentam-se num galho caído, acho que decidiram ficar mais um pouco. Os outros cinco somem da vista na direção norte.

Junto ao São-bernardo na coleira, a mulher começa a tirar fotos dos dois homens que parecem desajeitados posando ao lado das árvores...

Existe uma sensação de movimento peculiar que essas árvores passam, fazendo os movimentos dos corpos humanos parecerem duros demais quando estão lado a lado.

Pinheiros tortos sobre corpos.

O cachorro chega mais perto de mim e respira forte e rápido pela boca com a língua para fora, babando, ele me nota e eu o noto.

Um dos homens que usa uma regata azul posa para mais fotos com as árvores. O outro homem que o acompanha está com o pescoço queimado de sol. Ele tira foto do cão na floresta e o chama: – Hunter!

Reparo que Renato tem uma expressão concentrada lá na mesa, ele está usando fones de ouvido.

O sol queima por entre as clareiras. Renato sai da mesa e caminha até o centro do bosque para tirar uma foto. Hunter vai curioso e até o banco bisbilhotar as nossas

mochilas e dá um par de lambidas nelas, então Renato volta para mesa para afugentar o cão e ri.

Daqui do chão vejo o verde sálvia com marrom e marfim, paleta das pinhas, areia e folhas secas pisadas, árvores pequenas e verdes, fechadas; a parte debaixo dos troncos dos pinheiros é mais escura, marrom-escura, As cascas têm veios profundos, e dentro deles um verde escuro, quase preto.

O Renato fala comigo e eu peço para ele repetir três vezes, ele faz um gesto com as mãos e desiste. Hunter desiste de explorar a floresta e deita no chão. A mulher de boné amarelo e bermuda que está cuidando de Hunter na coleira também desiste de segurá-la, ela parece sentir calor enquanto ri junto com os dois homens que vieram com eles, o senhor de azul com boné e o outro com o pescoço vermelho de sol parecem falar sobre o tempo.

Um casal maduro entra pela parte norte do bosque e senta ao lado do Renato na mesa, tiram marmitas de comida de dentro da sacola e começam a comer delicadamente, parece até que fazem uma performance artística, digo, poderia ser. Pelos gestos deles ao chegar, sentar, abrir as embalagens de comida e comer silenciosamente percebe-se que existe um grau de intimidade com o lugar que é hipnotizante.

Os três senhores vão embora ao sul com Hunter.

O casal continua a comer sem querer atrapalhar Renato.

Meu pé está adormecido e o sol está me queimando o meu braço esquerdo.

Os grilos continuam.

Sigo o ímpeto de cercar a floresta contando os meus passos, cercando-a por dentro.



Escuto o Renato falar em inglês. O casal continua a comer vagorosamente...

São 15h23. Com um pequeno caderno de notas, caneta e bússola, cerco a pequena floresta torta (porque é uma floresta dentro da floresta) começando pela entrada norte, passo por um tronco caído no passo 38 para 39 e percebo que o casal que comia na mesa ao lado do Renato não está mais lá. No passo 71 rompi teias de aranha. No passo 82 para o 83 atravesso outro grande tronco caído. No passo 120 vejo um jovem casal entrar pela trilha norte. No passo 168 para o 169 atravesso outro tronco caído. No passo 176 olho para o centro da floresta e vejo um homem tirando foto de uma mulher em uma das árvores tortas. No passo 201 vejo a seiva escorrida das árvores e vejo a dupla sair ao norte. No passo 300 outro casal entra com um carrinho de bebê. Minutos depois um homem jovem entra sozinho, tira fotos e sai pela mesma direção que tinha entrado.

Contornar Krzywy Las dá 335 passos. Quando termino a minha volta pelo bosque vejo que o bebê olha para mim e eu então, retorno o olhar para ele, que desce do seu carrinho e corre, a verdade é que mal consegue correr, parece estar aprendendo. Ele e os pais atravessam a floresta, tiram fotos com a câmera direcionada contra a luz solar. Enquanto eles caminham de norte a sul, o carrinho de bebê deixa rastros na areia, criando uma linha vertical.

Meus olhos seguem essa linha. Enquanto vejo o rastro do carrinho, logo vejo também sementes felpudas voando, pássaros nos galhos, um pássaro-que-nunca-vi-antes pulou de um tronco caído para um toco de pinheiro torto, um voo de baixo para cima. O vento quente derruba as casquinhas do pinheiro, as folhas secas e sementes. O

pássaro-que-nunca-vi-antes fica por algum tempo no mesmo pinheiro, e voa bosque adentro.

O casal com o bebê e o carrinho circula a floresta, vejo o bebê brincar com a placa de um carro, logo depois, eles saem ao norte fazendo uma passagem lenta, que de tão lenta eu mal pude acompanhar.

Volto para o banco com a mesa.

Uma brisa quente passa.

Uma mulher de rosto vermelho entra ao sul com o seu cachorro, como se aqui morasse. Ela não está usando celular, nem tirando fotos. Ela vem em nossa direção e quando passa diz sorrindo: – *dzién dobry!*

As formigas exploram a mesa.

16h02 - escuto o trem passar de sul a leste.

Renato suspira de calor, ou estresse.

A brisa passa entre os pinheiros, do sul ao norte. Ela passou sem retorno.

Estamos sozinhos agora. Decidimos filmar a floresta.

Enquanto eu e Renato subimos o drone para fazer as filmagens, quatro jovens entram pela entrada norte e um deles está segurando um *Dobermann* na coleira e olha desconfiado para nós enquanto os outros três correm para abraçar as árvores. Dois deles abraçam a árvore juntos enquanto se beijam. Enquanto filmamos o rastro do carrinho eles atravessam a filmagem, o jovem com o dobermann olha seriamente para o drone, os outros atrás dele passam e sorriem para nós.

Depois de filmar o rastro do carrinho e as copas dos pinheiros, saímos pela trilha norte e caminhamos até a trilha oeste onde está o carro, eram 17h.

Entro no carro, e ao sair olho para trás: a luz no bosque está dourada e ainda faz muito calor.

**5 de agosto, sexta-feira - DIA 05 - No banco com mesa recém pintados, face sul**

**pós chuva, levemente nublado, 28°C - 16h**

**- encontros e despedidas<sup>16</sup> -**

**dia 5**

Chegamos pela entrada oeste e atravessamos para o centro da floresta.

A mesa foi pintada, o mato ao redor aparado, algumas árvores cortadas, placas adicionadas... Sempre perco quem faz as manutenções aqui, sobram os rastros.

Quando entramos em Krzywy Las um casal de idosos vestido com a mesma paleta em tons de azul tira foto, eles posam e trocam de lugar, um senta e o outro tira as fotografias. Eles seguram uma câmera de mão, a primeira vez que vejo uma dessas por aqui.

Está quente e úmido. A chuva fez o cheiro da floresta acentuar: madeira e musgo.

São 16h16 e o casal sai pela trilha norte.

Dois homens brancos entram ao norte, um deles nos olha estranhamente, pois Renato está falando alto em inglês numa chamada com alguém do trabalho. Dessa dupla, um tem a expressão serena. Eles ficam durante 4 minutos e saem pelo lugar de onde vieram.

Chegam duas mulheres e uma garotinha em direção às placas informativas.

<sup>16</sup> Referência da música de Maria Rita. Acesso em : [https://www.youtube.com/watch?v=V\\_iOnlth2Go](https://www.youtube.com/watch?v=V_iOnlth2Go)

A garotinha caminha sem certeza para onde vai e uma das mulheres procura uma árvore para fotografar, e então ela chama a garota: – Kasza!, e então Kasza se abaixa ao lado da árvore torta no centro da floresta e posa para as fotos.

Agora Kasza e a moça estão abraçando a árvore e a outra mulher que as acompanha tira fotografias delas na paisagem, e então começa a tirar fotografias das árvores.

Ouçõ o trem frear bruscamente.

As três continuam a tirar fotos umas das outras. A luz entra fraca através da clareira, dura 6 segundos e esmaece ainda mais, depois de alguns minutos torna a iluminar a paisagem.

A garota alcança a mesa onde estamos e nos olha com curiosidade. A pele dela é bronzeada e os olhos são azuis, saltados.

Uma borboleta passa de leste a oeste e pousa rapidamente numa das placas.

Escuto um avião passar do meu lado direito, à oeste. As três saem por onde vieram.

Um som repetido de estalos vem das casas ao sul.

Cães latem por todos os lados.

Os grilos estridulam e os pássaros cantam.

Hoje tem menos vento, ou quase nada de brisa. As árvores parecem estar paradas.

Ouçõ um carro na direção sul e não olho.

Acho que mais pessoas estão vindo, escuto atentamente, escuto elas falarem uma língua que eu não entendo e ao se aproximarem mais, vejo que são dois meninos, um de mais ou menos 5 anos e outro de quase 2 anos caminham junto com seus pais. Os garotinhos vestem a mesma roupa, blusa cinza e shorts vermelhos. Os pais são silenciosos. Eles

atravessam rapidamente de norte a sul em linha quase reta até chegar num tronco caído. O pai ajeita os garotos na árvore e se afasta para que a mãe tire fotos deles, o menino menor sai da pose afoito, tenta alcançar o vestido curto da mãe e dá dois puxões gritando agudo.

Está ficando mais fresco agora que uma brisa passeia pela floresta.

O pai e os filhos voltam e caminham para a direção oeste. A mãe atravessa a floresta na direção dos três. Eles passam juntos por trás de nós e vão embora ao norte.

Logo após a família sair, um casal entra ao norte, fica três minutos, logo atrás deles, duas meninas vão até a placa. Elas tiram foto umas das outras e todos saem pela trilha atrás de nós.

Quero fazer novas filmagens. Dirijo o Renato para gente fazer mais alguns testes de vídeo na floresta. A ideia é fazer um contorno completo com o drone, andando junto a ele, pelo mesmo caminho que fiz contando os 335 passos.

Enquanto estamos dando a volta por Krzywy Las entram mais 6 pessoas: uma garotinha encara o drone com curiosidade; um casal passa falando a língua de sinais; uma senhora tira foto de um outro par, e nessa fotografia: a mulher segura o queixo do homem em sua direção.

O grupo de quatro pessoas sai e também o casal sai gesticulando com as mãos, todos vão embora pela trilha até sumir da vista.

Enquanto estamos na metade do caminho por dentro do bosque, chega outro par pela trilha ao sul, cada um com um cãozinho Spitz Alemão Anão branco na coleira, nossos

caminhos se cruzam e ficamos todos sem saber quem daria a passagem primeiro. Os cachorros não latem.

Renato dirige o drone cuidadosamente, seguindo os meus passos. Passos lentos, laterais, como de caranguejo. Os passos lentos lembram um mergulho livre cuidadoso, cinematografando a floresta pensando em um mundo subaquático.

O casal e seus dois cachorros pretos na coleira some de vista ao sul. Daqui vejo a base de alguns pinheiros marcada com um ponto de tinta laranja neon, parece vestígio de uma tentativa de contagem. Com o tempo, algumas árvores caíram e foram decompostas, ou seja, mesmo não visíveis elas de alguma maneira ainda fazem parte da floresta. Sob a terra, em metempsicose<sup>17</sup> com as raízes.

Entram quatro pessoas: dois alemães com capacetes e jaquetas de couro; e mais um fotógrafo e uma moça de vestido florido.

Os dois alemães fumam enquanto leem as placas. As nuvens escurecem junto com uma brisa úmida-fresca. Os dois alemães olham para cima, percebem que vai chover e vão embora rapidamente pela trilha norte.

Começa a chover de fato, eu olho para cima e para os lados e a floresta parece outra, há bruma escondendo partes do fundo do bosque. São 18h48: o fotógrafo e a moça continuam lá, porém mal consigo vê-los.

— “Metempsicose, ele disse, é como os gregos chamavam antigamente. Eles acreditavam que você podia virar um bicho ou uma árvore, por exemplo. O que eles chamavam de ninfas, por exemplo”. James Joyce em *Ulysses* (p. 185). Penguin-Companhia. Edição do *Kindle*.

Corro para o carro, e do carro olho para trás

essa foi a última imagem<sup>18</sup> que presenciei em Krzywy Las.<sup>19</sup>

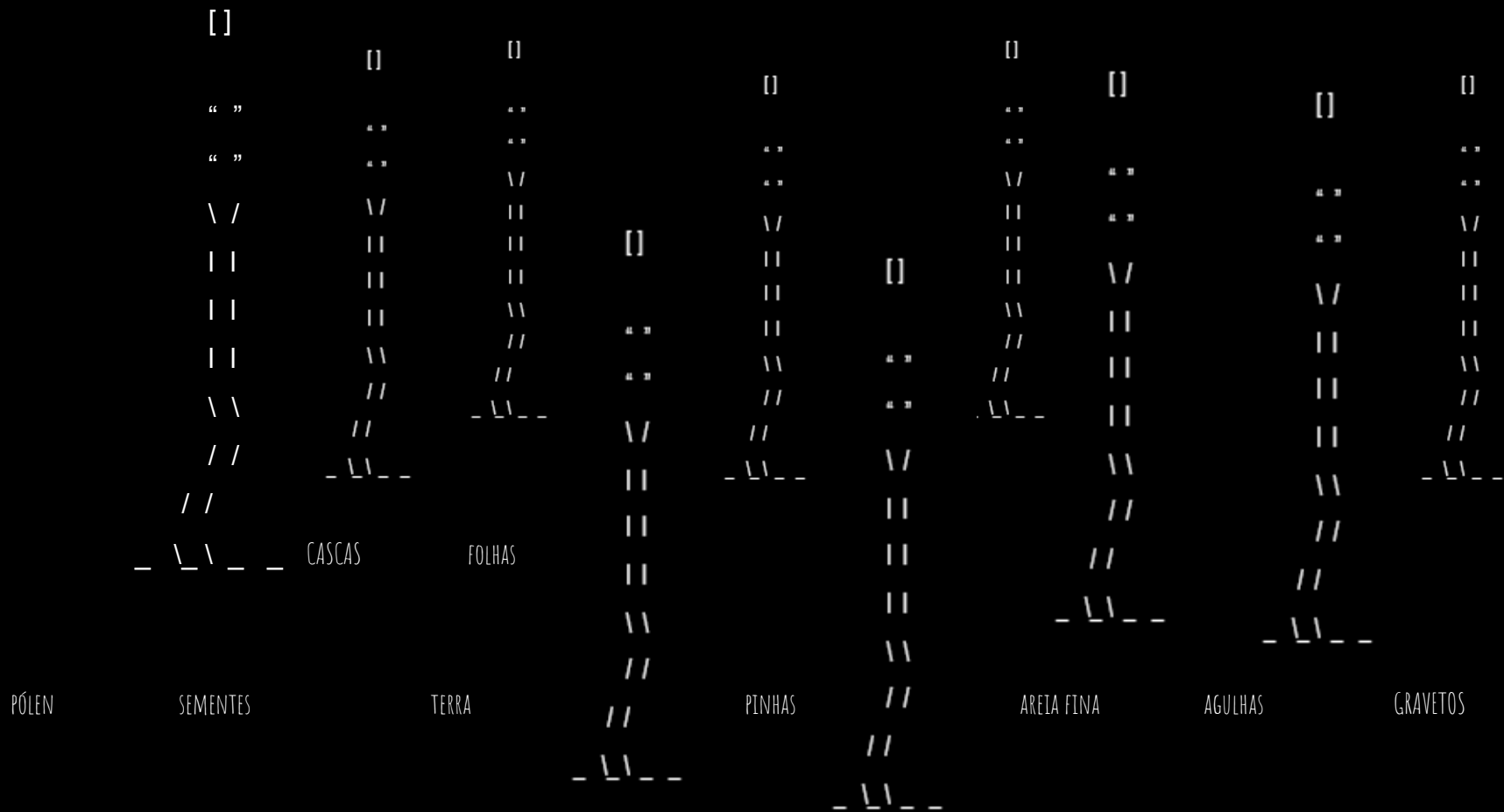
<sup>18</sup> Chuva-bruma, 2022, 0'32". *Shorts* vídeo da autora, disponível neste link : <https://youtube.com/shorts/hh5mQyzJoxg?feature=share> .

<sup>19</sup> Semanas depois recebo a triste notícia de que toneladas de peixes apareceram mortos na superfície do Rio Odra.



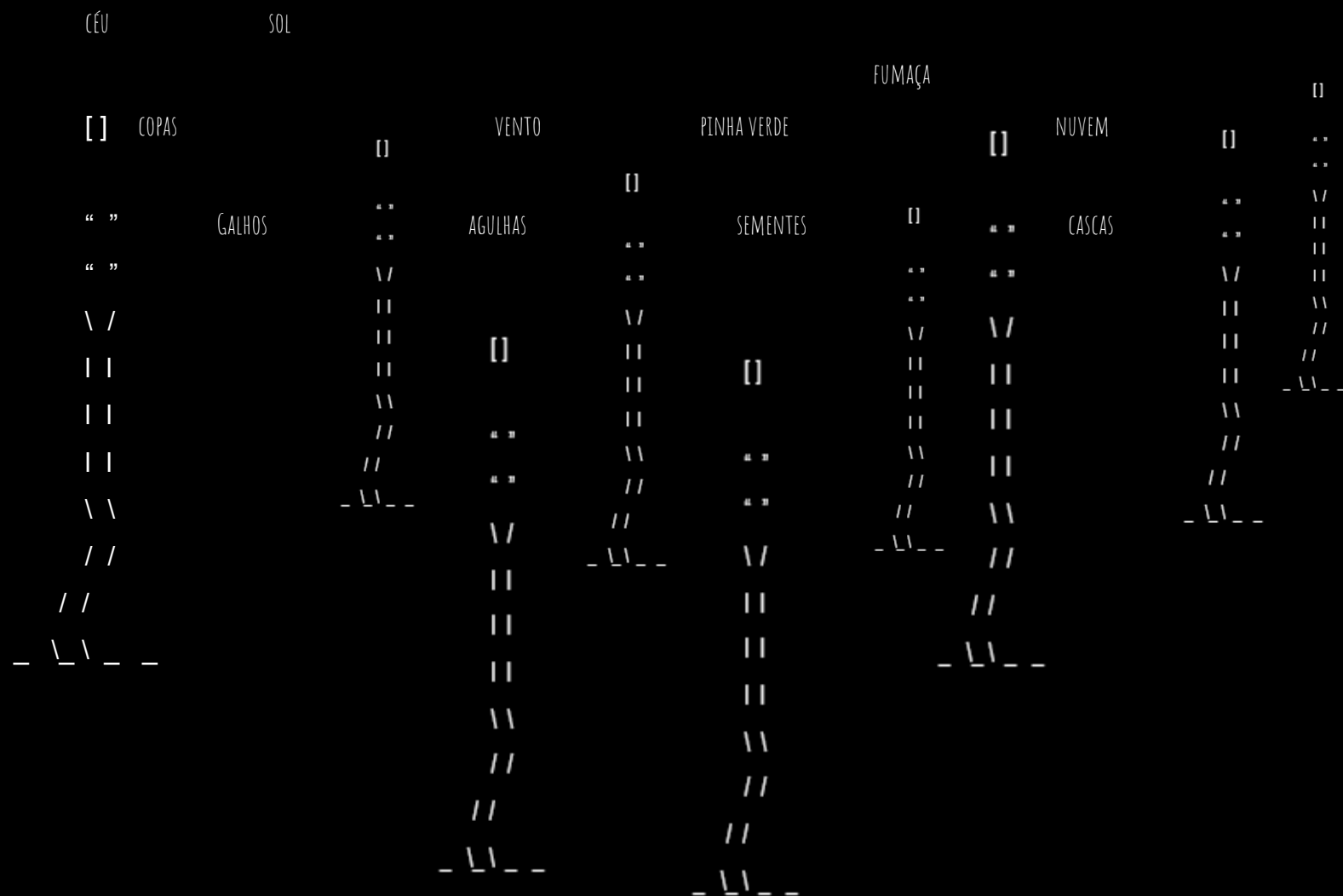
# frame arbóreo I

## serrapilheira



# frame arbóreo II

## dossel



## graveto subaquático

### a floresta submersa

Fato: Toneladas de peixes aparecem mortos no rio Odra na segunda semana do mês de agosto de 2022. As algas *Prymnesium parvum* se proliferam no rio, a saber: se desenvolvem apenas em meios salinos e são tóxicas aos peixes. Ou seja, a salinidade do rio aumentou.

<sup>20</sup>Instrução: Imagine dois mundos subaquáticos se misturando.

O Mar Báltico invade o Rio Odra<sup>21</sup>, transborda suas margens e invade a floresta de pinheiros tortos, a água sobe exponencialmente.

As árvores veem os peixes sem oxigênio e pinhas podem ser confundidas com os peixes pelas suas escamas.

um graveto submarino

no refluxo

encontra o rio

<sup>20</sup> Inspiração e referência ao livro 'Acorn' de Yoko Ono.

<sup>21</sup> Fonte: The guardian, **Raras algas douradas podem ter causado a morte de peixes no rio Oder, diz ministro**. 19 de agosto de 2022. Acesso em: <https://www.theguardian.com/world/2022/aug/19/rare-golden-algae-may-have-caused-fish-deaths-in-oder-river-says-minister>

## *pinecone*<sup>22</sup>

Fatos: O pinheiro é uma conífera gimnosperma; na primavera, dispersa nos dosséis massivas quantidades de pólen microscópico, que juntos aparecem aos olhos como uma nuvem amarela, esse micro pólen tem duas bolsas de ar para flutuar facilmente com o vento, entrar em uma escama de pinha e fecundá-la. Dentro da pinha crescem múltiplas sementes, a pinha é então a guardiã das sementes.

A pinha se abre quando o tempo seca ou esquenta para que suas sementes-aladas possam viajar com o vento, as sementes caem ao chão fazendo um movimento parecido com os propensores de um helicóptero.

As escamas da pinha se fecham quando faz frio ou chove, ou seja, elas só abrem as escamas quando o ambiente está perfeito para que as suas sementes tenham sucesso em se desenvolver e propagar; Elas são ótimas para iniciar fogo...

Perspectivas: As pinhas conhecem *kairós*, o tempo propício. E *Humbaba*, o guardião da floresta.

<sup>22</sup> Termo em inglês para “Pinha”.

## pinheiro

Espécie : Pinus sylvestris

Nomes : pinheiro escôces, pinheiro-de-casquinha, pinheiro silvestre

Cores: verde sálvia, marrom escuro; verde escuro, cinza; laranja, marrom; e verde floresta

Perspectivas: uma vista vertical, do solo à copa:

— — — — —  
terra sobre raízes

areia sobre terra

pinha e agulhas secas sobre

areia

vento-pincelada

cria

vizinhanças

— — — — —  
sulcos e estrias

cascas

casquinhas

galhos

gravetos

topo da

copa

pinha  
verde  
agulha  
verde  
verde floresta  
sobre céu  
sempre verdes

## na floresta de Caspar

a floresta no museu<sup>23</sup>

o museu na ilha

Fato: No terceiro andar do Alte Nationalgalerie na sala 306 encontro a floresta de Caspar David Friedrich.

Instruções: Para caminhar pela floresta de Caspar Friedrich é preciso primeiro chegar pela paisagem de ‘Riesengebirge’, de lá, siga o ‘Casal contemplando a lua’ para então, embrenhar-se no ‘Interior da floresta ao luar’.

Encontre-se com ‘A árvore solitária’ e atravesse a ‘Abadia na floresta de carvalhos’ perdendo de vista o pastor, as ovelhas, os monges. O monge do ‘monge à beira-mar’ como árvore solitária, em silhueta vertical, conecta terra e céu. Logo após perder-se na bruma do mar, caminhe até as ‘Ruínas do Monastério de Eldena, próximo a Greifswald’ passando pelo ‘Carvalho na neve’ lá onde os salgueiros protegem a ‘Cabana na neve’. E por fim, parta atravessando a vista do ‘Watzmann’.

Observação: Em alguns museus as salas tem cheiro de tinta e madeira.

Perspectiva: Sentada no banco da floresta vejo a bruma passar misturando terra e céu, madeira da pintura e madeira da floresta, cor-pigmento e cor-luz.

<sup>23</sup> Link para ver a sala 306 no Alte Nationalgalerie : <https://artsandculture.google.com/story/ZQVB7PWYnEBuKw> .

pomar

Em volta de um pomar

encontro um carvalho.

Trata-se de uma árvore memorável.

Eu a abraço.

Renato a abraça.

Não conseguimos tocar as mãos.

## a macieira

Encontrei ao acaso e pela primeira vez uma macieira em frente ao *Museum Nikolaikirche*. Procurei e localizei a maçã que eu queria morder, era verde. Eu pulei para pegá-la. Eu a mordi. Não era uma maçã que estava verde, era uma maçã verde madura!





“Essas maçãs foram expostas ao vento, geada e chuva até que absorvessem as qualidades do tempo e da estação, sendo, por isso, muito temperadas, e nos perfuram, cortam e penetram com seu espírito. Elas devem ser comidas da maneira adequada — isto é, fora de casa.”<sup>24</sup>

<sup>24</sup> THOREAU, Henry David. **Maçãs Silvestres**. Edição do Kindle, 2018, p.19. *E-book*

## Referências

- BARTON, Carol. ***Vision Shifts***. *JSTOR*, <https://jstor.org/stable/community.28262520> .Accessed 01 Sep.2022.
- COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas**: uma metafísica da mistura. Santa Catarina: Cultura e Barbárie. 2018.
- COCCIA, Emanuele. **O semeador** : Da natureza contemporânea. Santa Catarina: Cultura e Barbárie. 2022.
- COCCIA, Emanuele; HALLÉ, Francis. **Uma vida a desenhar árvores**. Cadernos SELVAGEM, Acesso em: [http://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2022/06/CADERNO46\\_HALLE\\_COCCIA.pdf](http://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2022/06/CADERNO46_HALLE_COCCIA.pdf) . Biosfera: Dantes Editora. 2022.
- ESTAREGUI, Ana. **Dança Para Cavalos**. São Paulo: Editora Fósforo. 2022. p.19. Edição do *Kindle*.
- GHAZOUL, Jaboury. **Forests**: a very short introduction. 4th Edition. United Kingdom: Oxford University Press, 2015.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. 2015. Companhia das Letras. p. 683. Edição do *Kindle*.
- KRENAK, Ailton. **O sol e a flor**. Cadernos SELVAGEM, flecha 2. Acesso em: <http://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2021/08/CADERNO29.pdf> . Biosfera: Dantes Editora, 2022.

KRENAK, Ailton. **Tempo e amor.** Cadernos SELVAGEM, flecha 6. Acesso em: [http://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2022/06/CADERNO49\\_FLECHA\\_6.pdf](http://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2022/06/CADERNO49_FLECHA_6.pdf) . Biosfera: Dantes Editora, 2022.

LUM, Ken. “**The London Art Diaries, 1999–2000.**” In: *Everything Is Relevant: Writings on Art and Life, 1991-2018*, Concordia University Press, 2020, p. 59–61. *JSTOR*, <https://doi.org/10.2307/j.ctvwvr2jd.18> . Accessed 21 Sep. 2022.

MANCUSO, Stefano. **A incrível viagem das plantas.** São Paulo: Ubu, 2022. *E-book*

NARBY, Jeremy. **Plantas como cérebros.** trad. *Intelligence in Nature*, 2005. Cadernos SELVAGEM, [http://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2021/11/CADERNO32\\_NARBY-2.pdf](http://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2021/11/CADERNO32_NARBY-2.pdf). Biosfera: Dantes Editora. 2021.

ONFRAY, Michel. **Teoria da Viagem:** poética da geografia. Porto Alegre: L&PM, 2009.

ONO, Yoko. **Acorn.** Edição do Kindle, 2013. *E-book*

PEREC, Georges. **Tentativa de esgotamento de um local parisiense.** São Paulo: G. Gili Ltda, 2016. *E-book*

THOREAU, Henry David. **Maçãs Silvestres.** Edição do Kindle, 2018. *E-book*

## Referências imagéticas

***Abbey among Oak Trees***, Caspar David Friedrich, 1809 – 1810. Oil on canvas, 171 x 110.4 cm.

***Forest Interior by Moonlight***, Caspar David Friedrich, cerca de 1823 – 1830. Oil on canvas, 9.0 x 70.5 cm.

**Herança**, Thiago Rocha Pitta, 11 '35", 16mm, 2007. Acesso em : <https://vimeo.com/55938149> .

***Man and Woman Contemplating the Moon***, Caspar David Friedrich, cerca de 1824. Oil on canvas, 44 x 34 cm.

***Monk by the Sea***, Caspar David Friedrich, 1808 – 1810. Oil on canvas, 171.5 x 110.0 cm.

***Out from the Flood***, *Invisible Flock & Subzero*, 2020-2021. Acesso em: <https://invisibleflock.com/outfromtheflood/> .

***Poplars***, Georges Seurat, France: 1883–1884. Conte crayon, fixed on laid paper. 4.3 × 31 cm. Acesso em : <https://artsandculture.google.com/asset/poplars-georges-seurat/uAHAq72oMhmBwA?hl=pt-br> .

***Project for the Stone Garden***, Giuseppe Penone, 1968. 30 x 40 cm. Acesso em : <https://gagosian.com/artists/giuseppe-penone/>

***Riesengebirge***, Caspar David Friedrich, cerca de 1830 – 1835. Oil on canvas, 102 x 72 cm.

***Ruined Monastery of Eldena near Greifswald***, Caspar David Friedrich, 1824 – 1825. Oil on canvas, 49 x 35 cm.

***Snowy cottage***, Caspar David Friedrich, 1820. Oil on canvas, 25 x 31 cm.

*Solitary Tree*, Caspar David Friedrich, 1822. Oil on canvas, 71 x 55cm.

*Taming the Garden*, Salomé Jashi, 91', 2021. Acesso em: <https://mubi.com/films/taming-the-garden> .

*The Oaktree in the Snow*, Caspar David Friedrich, 1829. Oil on canvas, 48 x 71 cm.

*The Watzmann*, Caspar David Friedrich, 1824 – 1825. Oil on canvas, 170 x 135 cm.